



MÍDIA NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZADO DOS SURDOS E DEFICIENTES AUDITIVOS

Media in the teaching-learning process for the deaf and hearing impaired

Los medios de comunicación en el proceso de enseñanza-aprendizaje para personas sordas y con discapacidad auditiva

Macri Elaine Colombo¹

Resumo: Esta pesquisa com o título “Mídia no processo de ensino- aprendizado dos surdos e deficientes auditivos” se deu por conta da necessidade de revelar a história dos surdos ou deficientes auditivos se entrelaçando com a da mídia durante um processo comunicativo em sala de aula. Com o objetivo de mostrar que os surdos ou deficientes auditivos ainda precisam obter um estudo adequado, por meio da mídia e da Libras. Na metodologia, usou-se o estudo de caso; como técnica, empregou-se a observação e a pesquisa bibliográfica. Quanto à abordagem, foi utilizada a qualitativa com finalidade de contribuir para o conhecimento científico.

Palavras-chave: Mídia. Surdez. Ensino-Aprendizado.

Abstract: This research, entitled “Media in the teaching-learning process for the deaf and hearing impaired,” was conducted due to the need to reveal the history of the deaf and/or hearing impaired, intertwining with that of the media during a communicative process in the classroom, among the characters in this article. The aim was to show that the deaf and/or hearing impaired still need to receive adequate education through the media and Libras. The methodology used was a case study; observation and bibliographic research were used as techniques. The qualitative approach was used to contribute to scientific knowledge.

Keywords: Media. Deafness. Teaching-Learning.

Resumen: Esta investigación titulada “Los medios de comunicación en el proceso de enseñanza-aprendizaje de personas sordas y con baja audición” surgió de la necesidad de revelar la historia de la persona sorda y/o con baja audición entrelazada con la de los medios de comunicación durante un proceso comunicativo en el aula, entre los personajes de este artículo. Con el objetivo de demostrar que las personas sordas y/o con discapacidad auditiva aún

¹Doutoranda – bolsista da Capes do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (POSCOM) Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Jornalista e Pedagoga, Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: jornalistapedagoga@gmail.com.br; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9019977999069701>; Orcid id: <https://orcid.org/0000-0001-9829-2926>.

necesitan obtener una educación adecuada, a través de los medios de comunicación y Libras. En la metodología se utilizó el estudio de caso; Como técnica se utilizó la observación y la investigación bibliográfica. En cuanto al enfoque, se utilizó un enfoque cualitativo con el objetivo de contribuir al conocimiento científico.

Palabras clave: Medios de comunicación. Sordera. Enseñanza-Aprendizaje.

Introdução

Para a realização deste artigo, se faz necessário mostrar e divulgar alguns pontos da pesquisa sobre a relação entre ensino-aprendizagem de alunos surdos e de deficientes auditivos (nesse texto, considera-se que pode haver graus da deficiência do estudante) e a mídia. O estudo teve como base o estudo no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação - PPGCCOM, da Universidade Federal do Amazonas - UFAM (Colombo, 2012).

Para isto, recorreremos a um recorte da história da mídia com a surdez, para compreender a relação entre estes dois objetos no contexto da educação, que, na sua essência, se relaciona aos princípios morais.

Para dar conta do objetivo do artigo, optou-se por uma metodologia de estudo de caso, a qual Yin (2001) diz que é adequado para responder às questões "como" e "porque", que são indagações explicativas e tratam de relações operacionais que ocorrem ao longo do tempo. Nesse caso, os estudos apresentam mais do que frequências ou incidências, além de ter a vantagem de nos permitir usar uma gama de técnicas de coleta de dados, como: observação do ambiente dos acontecimentos, experiências estudadas, por meio de experiências e de leituras específicas do tema. Quanto à abordagem, foi utilizada a qualitativa com finalidade de contribuir para o conhecimento científico.

Desse modo, entendemos que os professores que atuam com discentes surdos ou deficientes auditivos devem ter, ainda que sejam básicos, conhecimentos sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e/ou que sejam professores intérpretes nas escolas para surdos, e que utilizem em suas estratégias didáticas, os signos adequados para que os alunos surdos desenvolvam suas habilidades (Colombo, 2012).

Como exemplo de estratégias, podemos citar o uso das novas mídias (é o somatório das novas tecnologias-TIC's, com os métodos de comunicação para se diferenciar das mídias tradicionais. Citemos: mídias sociais - *Youtube*, dispositivos móveis - *tablets* e as mídias tradicionais (televisão, rádio)), no estudo de Libras ou de outro conteúdo, para facilitar e melhorar a aprendizagem das pessoas surdas ou com deficiência auditiva.

Torna-se importante, portanto, investigar tanto o processo de construção do material didático, quanto os impactos de sua aplicação didática junto aos alunos surdos ou deficientes auditivos, a partir das formas com que educadores utilizam esses mecanismos no processo de ensino-aprendizagem. Entendemos que os docentes devem estar aptos a refletir sobre o uso de meios tecnológicos como a televisão, *tablets*, computador, entre outros, como ferramentas auxiliares no estudo da Libras e/ou terem a disponibilidade de intérpretes para facilitar a aprendizagem. Lembrando que outros meios como a escrita são importantes. Isso nos faz pensar sobre o que nos ensina Soares (2011), quando indica que:

a adoção de uma pedagogia da comunicação [...]. Cabe a eles, em última instância, encontrar modelos que garantam tratamentos didáticos que levem em conta os princípios da educomunicação, os quais são, essencialmente, (a) as variadas formas de diálogo entre professores e alunos; e, em termos processuais, (b) a adequada introdução das tecnologias de forma a assegurar melhor entendimento dos conteúdos; e, mais a fundo, (c) uma mais criativa expressão dos próprios alunos na elaboração dos exercícios típicos de cada disciplina. No caso, a comunicação impressa, tradicionalmente privilegiada na elaboração dos trabalhos discentes, divide seu lugar com as demais formas de expressão como a audiovisual e a digital (p. 89).

No cenário brasileiro, assim como em outros lugares, dados, por exemplo, da pesquisa promovida pelo projeto “Jovens Agentes pelo Direito à Educação”, realizada em 2007 (Soares, 2011) constatam que os jovens querem estudar, porém não encontram incentivos, metodologias adequadas para sua atual realidade, nem recursos tecnológicos com linguagem adequada, utilizada por eles no cotidiano.

A situação é agravada quando jovens que precisam de procedimentos didáticos mais específicos, como os surdos ou os deficientes auditivos, que usam mais a linguagem visual do que os ouvintes – estes são a maioria nos bancos escolares – encontram uma pedagogia bancária que visa apenas transmitir informação, sem que haja uma troca de conhecimento entre o docente e o discente, através da comunicação dialógica em que o educador é o sujeito que detém todo o conhecimento, enquanto o educando é o objeto que recebe o conhecimento de maneira passiva, sem questionar as mensagens passadas por quem prescreve a educação (Freire, 1996).

Observações prévias de documentos e de dados oficiais indicam que, nas escolas especiais para surdos ou deficientes auditivos, a entrada dos meios de comunicação (mídia), como novas pedagogias no processo ensino-aprendizagem, ainda pode ser considerada acanhada (Costa, 2011). Os professores e demais membros da equipe pedagógica continuam a se prender aos métodos tradicionais de ensino, fechando-se para as tecnologias, sem conseguir

acompanhar a velocidade com que a informação é transmitida e acessada pelo próprio aluno (Almeida, 2016).

Deve-se atentar que cada vez mais as instituições de educação necessitam de recursos da mídia, incluindo sua habilidade de representar a informação, construir relações sociais e promover a comunicação. Mostra-se, desse modo, a relevância do papel da mídia em várias facetas ou contextos sociais, o que inclui o do ambiente educacional que vai além da sala de aula. Com essa inclusão midiática será viável a ação teórica e prática que envolve a ação reflexiva do ser humano (Hjarvard, 2014).

O propósito das mídias inclui também o dispositivo tecnológico, para que os alunos possam usar das ferramentas tecnológicas audiovisuais para realizar atividades escolares, como animações, *podcast* e programas para *web*, para o rádio, entre outros. Esperamos, desse modo, reafirmar como estas ferramentas tecnológicas e midiáticas contribuem nos processos de ensino-aprendizagem dos surdos ou dos deficientes auditivos nas escolas.

Por compreendermos que existe a falta de formação de professores com qualificação adequada, de materiais pedagógicos, de infraestrutura etc. apropriados para os surdos ou deficientes auditivos.

Lembrando que não estamos generalizando o quesito da não preparação adequada no processo de ensino e aprendizagem, até porque mais adiante daremos exemplos de lugares que, até certo ponto, podem ser considerados de qualidade, graças aos órgãos governamentais do país ou por conta própria. Entretanto, certas situações não resolvidas até o momento têm a sua raiz na história da educação dos surdos.

Um panorama da realidade dos surdos ou deficientes auditivos

Laplane (2004) frisa que a inclusão representa a única e eficaz solução para que todas as pessoas dentro da sociedade (seja como aluno, professor, pai ou outro papel dentro de uma ambiência social) possam compreender como o mecanismo discursivo opera para assegurar a eficácia do discurso. Entretanto, a realidade demonstra em certas ocasiões que “o discurso contradiz a realidade educacional brasileira, caracterizada por classes superlotadas, instalações físicas insuficientes e quadros docentes cuja formação deixa a desejar” (p. 18).

Mesmo com vários projetos e leis, como a de Salamanca – baseada em uma pedagogia da diversidade, que garante a inclusão dos indivíduos nas escolas, independentemente de sua origem social, étnica ou linguística (Corrêa, 2008), percebe-se que ainda há muito a ser feito.

Um dos problemas da aplicação dessa lei é a falta de professores capacitados, de recursos linguísticos e tecnológicos adequados para lecionar. Em contrapartida, os surdos, através do professor, têm a necessidade de entender sua própria cultura, que inclui a língua, a Libras, que foi legalizada no Brasil como forma de comunicação e de expressão dos surdos, a partir da sanção da Lei n.º 0.436, no dia 24 de abril de 2002. Por ser entendida como uma língua natural, é fundamental para o processo cognitivo, emocional, social e intelectual dos surdos.

Antes, devemos dizer que as pessoas com deficiência auditiva, quer seja as com perda leve ou moderada, até surdos (perda profunda da audição), não apresentam problemas no sistema fonatório, ou seja, eles não são mudos. Os surdos podem falar quando é ensinado a falar, realizando a leitura labial dos seus locutores. Basta manter o contato visual com o surdo para que esse tipo de comunicação ocorra. Tudo depende do grau de deficiência de surdez; para uma pessoa surda de nascença, é mais difícil aprender a falar, embora alguns deles sejam oralizados e tenham condições de se expressar por meio da fala, ainda que de modo mais pontual.

Ressalva-se que existem surdos que não querem ser oralizados, mas sim apenas sinalizados, o que ocorre com o uso da língua de sinais. Isso se deve a vários motivos, entre eles vergonha, além de não gostarem ou porque não aprenderam a falar.

Existem surdos e/ ou deficientes auditivos que adotam o método bilinguismo. “O bilinguismo é uma proposta de ensino usada por escolas que se propõem a tornar acessíveis à criança duas línguas no contexto escolar” (Quadros, 1997, p. 27). Os surdos conquistaram direitos quando foi implantado o Decreto n.º 5626, de dezembro de 2005 (Brasil, 2005), que garantiu o direito de se ter uma educação bilíngue, sendo a Libras a sua primeira língua e o Português a segunda. Os que defendem esse decreto revelam que o surdo deve aceitar-se como tal, e não tentar imitar o estilo de vida dos ouvintes, embora seja importante a convivência com várias comunidades.

Temos, então, como conceito de bilinguismo para os surdos, a ideia: [...] “de que os surdos formam uma comunidade, com cultura, com língua própria. A noção de que o surdo deve, a todo custo, tentar aprender a modalidade oral da língua para poder aproximar-se o máximo possível do padrão de normalidade é rejeitada [...]”. Isso não significa que a aprendizagem da língua oral não seja importante para o surdo; ao contrário, esse aprendizado é bastante desejado, mas não é percebido como seu único objetivo educacional, nem como uma

possibilidade de minimizar as diferenças causadas pela surdez (Goldfeld *apud* Silva; Lemos, 2008, p. 48).

Uma retrospectiva da educação dos surdos

A história da educação de surdos nos conta a existência da forte influência e do controle dos ouvintes sobre os surdos ou deficientes auditivos, sem ao menos ter o direito à liberdade de usufruir de sua criatividade e de utilizar de seus recursos naturais linguísticos para expressar seus conhecimentos (Buzar, 2009, p. 25).

Por meio de pesquisas, foi constatado que, da Antiguidade até quase toda a Idade Média, os surdos (os com alto grau de deficiência auditiva) eram considerados não educáveis, eram proibidos de casar-se, de celebrar missa e de herdar alguns bens, até eram excluídos da vida em sociedade, por serem considerados ineficazes.

Os europeus no século XVI (Renascimento) foram os primeiros realmente a se preocupar com os deficientes auditivos. Cada educador usava uma metodologia diferente: línguas de sinais, leitura labial, oralização, escrita e outros (Corrêa, 2008, p. 20). Contudo, foi o monge espanhol Pedro Ponce de León o primeiro educador de surdos (1520- 1584), o qual criou espaço para os espanhóis surdos de origem nobre, onde ensinava sinais, treinava a voz e a leitura dos lábios.

Vale observar que os primeiros alunos surdos vinham de famílias ricas ou nobres, ou tinham fortes ligações com pessoas influentes na sociedade (Buzar, 2009, p.27). Sobre esse assunto, Meadow (*apud* Skilar, 1997, p. 23) menciona:

O fato de que os primeiros alunos de Ponce de León foram nobres. Não carece de significações, já que a fala era um pré-requisito para o reconhecimento dos direitos legais, incluindo o direito de possuir propriedades; os ricos possuíam não somente os meios financeiros, mas também a motivação financeira para encontrar professores para seus filhos.

O espanhol Juan Pablo Bonet deu continuação ao trabalho de Ponce de León educando os sobrinhos de Francisco e Pedro de Velasco (irmãos do Conde de Castilla), que também eram surdos. Estes receberam instruções de Ponce de León (1520.1584) (Buzar, 2009). Bonet também publicou o livro *Redação das Letras e a Arte de Ensinar os Mudos a Falar*. Ele acreditava em um aprendizado precoce do alfabeto manual, antes de aprender a falar e a compreender a leitura labial (Corrêa, 2008), o que influenciou bastante as futuras gerações de educadores.

Outro exemplo de quem fez algo por essas pessoas foi o abade francês Charles Michel de L'Épée – o primeiro fundador de escolas públicas do mundo para surdos, o Instituto Nacional de Surdos de Paris, criado em 1760. Um dos seus méritos foi frequentar as ruas, mais especificamente onde viviam os surdos pobres, a fim de aprender com eles a maneira como se comunicavam entre si. E passou a usá-la na educação dos surdos, a quem atendia.

“Ensinava-lhes a língua escrita, a partir do que na época era conhecido como gestos”, o que veio a chamar-se também de *sinais metódicos*, que são combinações de língua de sinais e gramática francesa sinalizada, utilizada na educação dos surdos. O resultado foi que religiosos e educadores de outros países, como da Europa e dos Estados Unidos, fundaram escolas usando o seu método no processo de aprendizagem (Buzar, 2009, p. 28).

Mesmo assim, L'Épée foi muito criticado pelo seu método de “sinais metódicos”. Um dos críticos ferrenhos de sua metodologia foi Samuel Heinicke (1729-1790), pedagogo alemão, conhecido como o “Pai do Método Alemão” – Oralismo Puro –, que iniciou as bases da filosofia oralista, na qual um grande valor era atribuído à fala (Corrêa, 2008).

Heinicke ganhou notoriedade quando apresentou publicamente um surdo a quem educou por meio do ensino da língua escrita e da língua oral a ponto de receber o convite do príncipe Frederico Augusto para fundar e para dirigir a primeira escola para surdos, em Leipzig, em 1778 (Buzar, 2009).

Nesse mesmo século, a surdez era considerada uma questão social e pedagógica, porém, a partir do *Congresso de Milão*, em setembro de 1880, o foco passou das estratégias educacionais para as questões médicas, o que acarretou sérios problemas para a educação dos surdos.

A partir do século XX, os surdos começam a reivindicar mais o direito de serem respeitados e de fazerem parte da sociedade. Concomitantemente, houve um maior interesse em pesquisar sobre a surdez, no que diz respeito à linguagem e à educação, além, é claro, do empenho dos surdos em estudar e até em ingressar em uma universidade. No fim desse século, os surdos tomaram posse da administração da única Universidade para Surdos do Mundo (*Gallaudet University Library*, em Washington, EUA) e passaram a divulgar a *Filosofia da Comunicação Total*. Mais recentemente, os avanços nas pesquisas sobre a língua de sinais defenderam o acesso da criança – o mais precocemente possível – a duas línguas: à língua de sinais e à língua oral de seu país, o que chamamos de educação bilíngue (INES, 2011a).

Não se pode esquecer de que Stokoe (1965) – um dos primeiros pesquisadores que

estudaram sobre a Língua Gestual Americana, quando trabalhou na Universidade Gallaudet – e outros pesquisadores conseguiram desenvolver o estudo sobre neuropsicologia da surdez, o que ajudou a entender como o surdo aprende e a importância da LS como um sistema linguístico. Isso fez que se eliminasse ou pelo menos se amenizassem os erros, como o de Aristóteles, que dizia que quem nascesse surdo não seria capaz de obter a linguagem e, conseqüentemente, seria incapaz de raciocinar (INES, 2011b).

Entrelaçamento entre mídia e a surdez/deficiência auditiva

Definir mídia não é tarefa fácil, mas se faz necessário para compreendermos a sua funcionalidade e seus efeitos em nosso cotidiano, pois a mídia pode transformar nossa percepção e interpretação social, influenciando, por exemplo, as funções efetivas de controle social, político, econômico e ideológico.

Pode-se qualificar a mídia como um suporte, veículo ou canal de comunicação, pelo qual a informação pode ser conduzida, distribuída ou disseminada, como um ‘meio’ de comunicação (Perassi & Meneghel, 2011). Entendemos que faz parte do processo comunicativo, para que suceda uma comunicação.

Hepp (2014) refere-se à mídia como uma mídia de comunicação técnica como os diversos tipos de mídia que utilizamos para expandir nossas capacidades comunicativas além do momento presente, como a televisão, o telefone (móvel) e as redes sociais. De maneira sintética, a mídia pode ser compreendida como um dispositivo tecnológico de produção e reprodução de mensagens.

No entanto, Marcondes Filho (2005) argumenta que a mídia não se limita a ser apenas um suporte ou instrumento, propondo que ela deve ser entendida como uma ambiência. Ao considerar o conceito de “o meio é a mensagem”, de McLuhan (1969), reconhecemos que a experiência de ler uma notícia em um jornal impresso difere significativamente da leitura em um portal de notícias on-line. Além disso, o ambiente em que essa leitura ocorre, como uma biblioteca ou um shopping, também proporciona experiências distintas.

Hjarvard enxerga a “mídia como uma instituição social que influencia e é influenciada por todas as outras instituições com as quais ela se relaciona” (Christofoletti, 2021, p.4). Contudo, em determinados momentos, como no século XX, com a forte industrialização no mundo - como a comunicação de massa -, nos veículos de comunicação, fez com que a mídia fosse autônoma, ao ponto de influenciar nas tomadas de decisões administrativas cotidianas de

outras instituições sociais - citemos a política, a religiosa e a científica (Santos, Menezes *et al*, 2019). Todos esses aspectos refletem na cultura destas pessoas, inseridas numa sociedade.

Ao conceituar a mídia, é importante considerar também a noção de mídia primária, como a linguagem e a comunicação face a face. Isso nos leva a refletir situações que envolvem uma relação mútua entre as transformações na mídia, na comunicação, na cultura e na sociedade. Tal abordagem permite entender como diferentes mídias articuladas moldam os fenômenos sociais cotidianos dentro deste ecossistema midiático (Hepp, 2014).

Com isto, Anderson (1994 *apud* Quadros, 1997) constata ser fundamental que se utilizem os meios eletrônicos, como a internet e a televisão, para a interação e para a obtenção dos estudos dos surdos ou dos deficientes auditivos. Podemos citar os meios digitais que se utilizam da internet - as redes sociais (*Facebook*), mídias sociais (*Podcast*), entre outros.

Martin Barbero (2006 *apud* Santaella, 2007) acrescenta que a tecnologia não se reduz a meros aparelhos, mas deve coexistir com novos modos de percepção da linguagem e, conseqüentemente, com novas sensibilidades que modificam o estatuto cognitivo. Sob esse prisma, a autora não menospreza as pesquisas a respeito das múltiplas conseqüências que a mídia tem trazido à sociedade contemporânea, apenas dá a devida ênfase às linguagens.

Entendemos neste estudo que todos os fatores são relevantes e que podem ser interfaces de um com outro, para o processo de ensino-aprendizagem dos surdos ou dos deficientes auditivos.

O recurso audiovisual é uma comunicação que incita os sentidos da audição e da visão, por isso está incluído no processo de aprendizagem dos surdos. Como confirma Coutinho (2006, p. 16) “a linguagem audiovisual, como a própria palavra expressa, é feita da junção de elementos de duas naturezas: os sonoros e os visuais”. Portanto, estamos falando de artefatos da cultura que afetam esses dois sentidos do homem, a visão e a audição.

A forma mais simples e completa da comunicação está ligada ao audiovisual. De acordo com Coutinho (2006, p. 20) “vivemos em um tempo no qual, praticamente, todas as pessoas são alfabetizadas `audiovisualmente’”. De forma semelhante, Carvalho (2007, p. 18) afirma que “a mensagem audiovisual pode atingir um número maior de pessoas do que um texto impresso. Um analfabeto não lê um livro e, por isso, não pode ser diretamente influenciado pelo que está nele escrito, mas pode ser influenciado por informações que recebe em mensagens audiovisuais”.

Esses recursos também são utilizados, por exemplo, pela Secretaria de Estado da Educação do Paraná - SEED, por meio do Departamento de Educação Especial – Área da Surdez. O projeto, chamado de Tecnologias Educacionais, tem entre tantos outros, os itens: Web rádio, animações, TV Paulo Freire e trechos de filmes (Secretaria da Educação do Paraná S/D). Por exemplo, no Colégio Estadual para Surdos Alcindo Fanaya Júnior e no Instituto de Educação do Paraná Erasmo Pilotto, ambas localizadas em Curitiba-PR, são aplicadas essas tecnologias educacionais (Educação Especial, [s.d.]).

Percebeu-se que, após a veiculação de histórias infantis interpretadas em língua de sinais (Libras), como *Chapeuzinho Vermelho* e a fábula *A Raposa e as Uvas*, por meio de DVD, com duração de cinco minutos, criado pelo INES (Instituto Nacional de Educação de Surdos), em uma determinada escola para surdos em Manaus-AM, houve um maior interesse dos surdos pela aprendizagem. Essa ação trouxe reflexos tanto para o fator cognitivo (ligado a conhecimentos, informações ou capacidades intelectuais) quanto para a questão afetiva e comunicativa. Além disso, esses mesmos discentes foram capazes de utilizar os recursos audiovisuais para realizar um vídeo, o qual opinava sobre as histórias transmitidas.

Citemos neste estudo também, Rádio Educação Rural (RER), que esteve em comunidades que vivem em regiões isoladas do Mato Grosso do Sul. Criada na década de 60, a emissora iniciou suas transmissões com as Escolas Radiofônicas, tendo como proposta alfabetizar a população carente e que não tinha acesso à educação (Ota, 2000, p. 59-60 *apud* Colombo; Barreto, 2021). Esse processo é utilizado por universidades que criam projetos estruturados para comunidades distantes, para receber programas educacionais.

A rádio, de maneira geral, busca expandir sua presença, por meio on-line, porém não deixa de ser um meio popular e de massa para atingir locais geográficos que ainda não foi possível a internet chegar.

Outro exemplo, é o *Telecurso 2º Grau*, criado em 1977, tendo a TV Cultura e a TV Globo como as responsáveis pela programação. Em 1981, criou-se o *Telecurso 1º Grau*. Depois de 6 anos, a Fundação Roberto Marinho - mantenedora Globo, fez parceria com a Fundação Bradesco, criando uma versão do *Telecurso 2º Grau*, a qual obteve autorização para validar esses estudos em escolas e nas classes montadas em empresas.

Em 2014, o *Telecurso* passou a ser exibido no canal digital da TV Educação e no portal gratuito na Internet da Fundação Roberto Marinho, deixando de ser transmitido pelo canal aberto da televisão da Rede Globo, inclusive com *closed caption* (legenda utilizada para auxiliar

deficientes auditivos/surdos), além de ser exibida até hoje (2024), por exemplo, no Canal Futura - da Fundação Marinho (Telecurso comemora 35 anos de sua 1.^a exibição e 20 anos de telessala, 2013).

A chegada do computador, combinada com o uso da internet, revolucionou o mundo com a sua rapidez de transmissão de mensagens. E, com as redes sociais, surgidas na década de 90, que de início serviam apenas para conectar pessoas em rede e diálogos virtuais, mas que nos dias de hoje diversificam suas funcionalidades, teve-se maior abertura para a obtenção de informações, notícias e conhecimento.

Vale a ressalva de que este aplicativo é usado como estratégia educacional nas escolas, para atrair o interesse do aluno pelo estudo, como revela a pesquisa intitulada no artigo científico “O uso do *TikTok* no contexto educacional”, publicado na Revista Novas Tecnologias na Educação, Porto Alegre, no ano de 2021. O resultado revela que possuem potencial para despertar o interesse dos estudantes por conta de conteúdo simples, com vídeos rápidos e com abordagem humorística (Barin *et al*, 2021 *apud* Colombo, 2024).

No Amazonas existe, por exemplo, o Projeto “Aprovar” da Universidade Estadual do Amazonas (UEA) que utiliza estratégias baseadas em recursos tecnológicos modernos, veiculando aulas pela televisão, pelo rádio e pela Internet, com apoio do material didático impresso (apostilas), distribuído semanalmente para os estudantes nas escolas estaduais de Ensino Médio da capital e do interior do Estado, além de encartados distribuídos de forma gratuita aos domingos dentro dos jornais (Colombo; Junior, 2021).

Considerações Finais

Esta pesquisa traz contribuições para os estudos da comunicação, da mídia para a comunicação e a educação dos surdos e dos deficientes auditivos por compreender que, nas escolas, devem ser usados, nos processos comunicativos, os recursos visuais e audiovisuais, a exemplo de fotografias, desenhos animados, *Podcast*, entre outros meios tecnológicos como técnicas do método do bilinguismo para facilitar a socialização dos alunos surdos com o professor-ouvinte. E isso foi notado por meio da convivência com os estudantes surdos e com deficiência auditivas, também através de bibliografias específicas nesta área. Assim, foi possível conhecer como é a cultura surda e a necessidade que sentem em se comunicar, interagir e expressar seus sentimentos e seus pensamentos com a sociedade.

Investigou-se, ainda, nesse período da pesquisa, a importância do uso da mediação na sala de aula, que nada mais é que um intermediário que intervém para facilitar a comunicação entre o professor e os alunos. Trata-se de um processo em que o mediador, muitas das vezes, são os jornalistas, os pedagogos e os escritores, que, por meio dos meios visuais ou audiovisuais como as revistas, os livros e sites, ajudam no processo de ensino-aprendizado dos surdos e conseqüentemente os com alto grau de deficiência auditiva.

Entendeu-se, com isso, que a mediação dos professores por meio dos recursos tecnológicos auxilia na formação cognitiva destes discentes. Vale a consideração de não se tratar de ser tecnicista, mas de enxergar a importância da tecnologia. Até porque deixamos claro que enxergamos a mídia não apenas como meio tecnológico e sim como um meio integrante de um ecossistema que engloba também a sociedade e a cultura, pela qual a educação está entrelaçada.

Realizaram-se também considerações indispensáveis ao se notar que a maioria dos surdos vive em uma “semiosfera fechada”, sem se relacionar com os ouvintes. Por não serem compreendidos, tendem a se comunicar com as pessoas de forma agressiva e sem nenhuma polidez diplomática ao utilizar a linguagem. Contudo, quando conseguem interagir, são pessoas amáveis e agradáveis de conviver e se mostram receptivas, prestativas e interessadas no conteúdo passado no meio escolar. Um exemplo disso acontece quando os professores utilizam em sala de aula cartazes, figuras publicadas nos veículos de comunicação, enfim quando utilizam a linguagem verbal e não verbal para facilitar a interação e a aprendizagem.

Essa análise nos leva à conclusão de que os educadores devem entender o que é mídia e como ela funciona num espaço preenchido por alunos surdos, posto que, conhecendo o ambiente no qual estão inseridos, pode-se promover a aprendizagem e o ensinamento, mais que isso, é viável a socialização com o “mundo dos ouvintes”. Assim, pode-se responder de maneira científica e satisfatória como os recursos audiovisuais podem ser empregados nas atividades de ensino-aprendizagem de alunos surdos e deficientes auditivos.

Esperamos assim ter contribuído para um debate acadêmico, capaz de valorizar a ambiência contemporânea, com tanta diversidade cultural e intelectual, para uma vivência humana e de maneira harmônica.

Referências

ALMEIDA, Vânia Santos de. **O processo de inclusão de alunos surdos em duas escolas públicas do município de Ariquemes-RO**. 2016, 63 f. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) - Fundação Universidade Federal de Rondônia, Ariquemes, 2016. Disponível em: <https://ri.unir.br/jspui/>. Acesso em: 5 fev. 2024.

BUZAR, Santos A. Edeilce. **A singularidade visuoespacial do sujeito surdo: implicações educacionais**. Brasília. 2009. __f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade de Brasília/ UnB, Brasília, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/>. Acesso em: 11 abr. 2011.

BRASIL. **Constituição (2002). Lei n.º 10.436**, 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Lex: Coletânea de Legislação e Jurisprudência. Brasília, 24 de abril de 2002. Legislação Federal e Marginalia. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/>. Acesso em: 10 abr. 2011.

BRASIL. MEC/SEESP. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Documento elaborado pelo Grupo de Trabalho nomeado pela Portaria Ministerial n.º 555, de 5 de junho de 2007, prorrogada pela Portaria n.º 948, de 9 de outubro de 2007. Disponível em: <https://bibliotecadigital.mdh.gov.br/jspui>. Acesso em: 15 nov. 2023.

CARVALHO, Renata I. Bittencourt de. **Universidade Midiatizada: o uso da televisão e do cinema na Educação Superior**. Brasília: Editora SENAC-DF, 2007

CORRÊA, Roseane Modesto. **Aspectos históricos da educação de surdos: da exclusão à “inclusão”**. In: TREVISAN, Patrícia Farias. Fantinel; SILVA, Rosana Valéria Farias da; COSTA, Maria Cristina Castilho. **Educomunicação: construindo uma área de conhecimento / Adilson Odair Citelli, Maria Cristina Castilho Costa (Org.)**. – São Paulo: Paulinas, 2011. – (Coleção educomunicação).

COUTINHO, Laura Maria de. **Audiovisuais: arte, técnica e linguagem**, Brasília: Universidade de Brasília, 2006.

COLOMBO, Macri Elaine. **O processo comunicativo no ensino aprendido de crianças surdas: o caso da Escola Estadual Augusto Carneiro dos Santos**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2012. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/>. Acesso em: 26 jul. 2025.

COLOMBO, Macri Elaine; BARRETO J., Ferdinando. **Rádio-Educação: uma Proposta da Educomunicação para os Professores**. In: PINHEIRO, Harald Sá Peixoto (org.) **Educação e Diversidade Cultural: desafios amazônicos, em função de sua qualidade e relevância**. Tutóia- MA; Diálogos., 2021.

COLOMBO, Macri Elaine. **Tik Tok e as estratégias no ecossistema comunicacional**. ABCIBER, 2024. Disponível em: <https://abciber.org.br/>. Acesso em: 26 jul. 2025.

CORRÊA, Roseane Modesto. **Aspectos históricos da educação de surdos: da exclusão à “inclusão”**. In: TREVISAN, Patrícia Farias. Fantinel; SILVA, Rosana Valéria Farias da;

CHRISTOFOLETTI, D. F. As Diferentes Teorias da Midiatização e Sua Aplicação ao Futebol Brasileiro. **Revista Cronos**, [S. l.], v. 20, n. 2, p. 56–70, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/>. Acesso em: 26 mai. de 2023.

Educação Especial- **Centros de Apoio ao Surdo e aos Profissionais da Educação de Surdos**- CAS/PR. [s.d.] Disponível em: <https://professor.escoladigital.pr.gov.br/>. Acesso em: 28 de jul. de 2024.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa** – São Paulo: Paz e Terra, 1996. – (Coleção Leitura)

HEPP, Andreas. **As configurações comunicativas de mundos mediados**: pesquisa da mediação na era da “mediação de tudo”. V. 8 - No 1 jan./jun. São Paulo - Brasil, p. 45-64, 2014. Disponível em: <https://revistas.usp.br/matrizess/>. Acesso em: 15 nov. 2024.

HJARVARD, Stig. **Midiatização: conceituando a mudança social e cultural**. V. 8 - No 1 jan./jun., São Paulo - Brasil, p. 21-44. 2014. Disponível em: <https://revistas.usp.br/matrizess/>. Acesso em: 3 nov. 2023.

INES – INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS. Disponível em: www.surdo.org.br/. Acesso em: 29 jan. 2011b.

INES. O Surdo e a História de sua Educação. 2011. Disponível em: <http://www.ines.gov.br> Acesso em: 29 jan. 2011.

LAPLANE, A.L.F. **Notas para uma análise dos discursos sobre inclusão escolar**. In: GÓES, M.C.R.; LAPLANE, A.L.F. (Org.). Políticas e práticas de educação inclusiva. Campinas: Autores Associados, 2004.

MARCONDES FILHO, Ciro. Prefácio à edição brasileira. In: LUHMANN, Niklas. **A realidade dos meios de comunicação**. São Paulo: Paulus, 2005.

PERASSI, R.; MENEGHEL, T. **Conhecimento, Mídia e Semiótica na área de mídia do conhecimento**. In: VANZIN, Tarcísio; DANDOLINI, Gertrudes Aparecida. (org) Mídias do Conhecimento. Florianópolis: Pandion, 2011.

QUADROS, Ronice Muller. **Educação de surdos: aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artmed, 1997.

SANTAELLA, Lucia. **As linguagens como antídotos ao midiacentrismo**. Matrizes. Revista do Programa de Pós-Graduação da USP, n. o 1, p. 75-97, out. 2007. Disponível em: <https://revistas.usp.br/matrizess/>. Acesso em: 16 nov. 2024.

SANTOS, Rosa Ravena Alves do; MENEZES, Aline Fiuza; FERNANDES, Bianca Sobral; SATUF, Ivan. Três perspectivas sobre a mediação e suas implicações na pesquisa em Comunicação. **Revista Temática**- ISSN 18078931. Ano XV, n. 5. Maio/2019.

NAMID/UFPB. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/>. Acesso em: 16 nov. 2024.

SILVA, Rosana Valeria Farias; LEMOS, Lênia Elane Cintra. **Ensino-aprendizagem da criança surda: um enfoque psicopedagógico**. In: TREVISAN, Patrícia Farias. Fantinel; SILVA, Rosana Valéria Farias da; OLIVEIRA, Sebastião Reis de (org.). Línguas de Sinais. Manaus: Valer; UEA, 2008.

SKLIAR, Carlos. **La educación de los sordos: una reconstrucción histórica, cognitiva y pedagógica**. Mendoza, República Argentina: EDIUNC, 1977.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: O conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do ensino médio**. São Paulo: Paulinas, 2011.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2.a ed. Porto Alegre, 2002.

Recebido em: 24 de maio de 2025

Aceito em: 31 de julho de 2025
